

AMORIM, Marília. *Petit traité de la bêtise contemporaine: suivi de comment (re)devenir intelligente*. Toulouse. Éditions Érès. 2012. 141 p.

Valdir do Nascimento Flores*



* Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil; CNPq; valdirnf@yahoo.com.br
Bakhtiniana, São Paulo, 8 (2): 247-252, Jul./Dez. 2013.

O livro de Marília Amorim *surpreende* em todos os sentidos da palavra: o tema é inusitado, a perspicácia do olhar é incomum, a originalidade da abordagem é inspiradora, as conclusões são impactantes.

O *Petit traité* está dividido em três partes (*Parole et identité, Parole et mémoire, Une intelligence bête*) seguidas de *Conclusão* e de uma generosa *Bibliografia*, tudo distribuído ao longo de mais de 140 páginas. O livro é conciso, escrito em estilo dialógico, com raciocínio construído sobre uma infinidade de exemplos retirados, em sua maioria, do cotidiano das sociedades europeia (em especial, a francesa) e latino-americana (em especial, a brasileira).

A linguagem utilizada por Marília Amorim, na elaboração de seu livro, merece uma nota especial. O leitor é convocado, a cada instante, a uma posição ativa de interlocução. A autora conversa com o leitor, dirige-lhe a palavra, chama-lhe a atenção. Esse estilo está em absoluta sintonia tanto com a temática da obra quanto com a visão teórica que a sustenta. Façamos, primeiramente, sobre a temática.

É difícil dizer em poucas palavras qual é o tema do livro, dada a sua complexidade. A primeira parte do título, embora pareça um recurso retórico (poderia receber, em português, a tradução literal de *Pequeno tratado da besteira contemporânea*, mas também caberia, numa tradução mais livre, *da idiotice, da imbecilidade, da estupidez* ou, em uma tradução mais livre ainda, *da bestagem contemporânea*) é absolutamente adequado. A autora recorta um objeto de análise, a *besteira*, por uma via específica, a da fala que torna o homem estúpido (*bête*). Sua hipótese é que *existem maneiras de falar que colocam o interlocutor numa posição que o impede de exercer sua inteligência plenamente*, a menos que haja um trabalho de resistência por parte desse interlocutor, uma resistência que implica análise crítica do que o cerca.

Essa forma de falar que torna o homem estúpido – e este é um dos grandes ganhos teóricos do raciocínio de Amorim – independe do conteúdo do que é dito (pode ser uma bula de remédio, uma recomendação de segurança em um transporte público, as recomendações de reciclagem de uma embalagem qualquer, etc.). É, na verdade, a posição enunciativa em que ele é colocado – e não, propriamente, o conteúdo – que define um lugar *bête* de fala. Marília Amorim, para desenvolver essa primeira parte de seu raciocínio, toma por base a *ciência linguística da enunciação*, de Émile Benveniste,

muito especialmente, o aspecto figurativo do *aparelho formal da enunciação*, compreendendo-o, à moda benvenistiana, como *a base das relações a partir da qual é possível falar. Eu fala a um Tu a propósito de um Ele.*

A autora elabora uma categoria de análise – o *enunciado fusional* – que permite visualizar uma crise contemporânea do paradigma enunciativo, enquanto *marca profunda da cultura pós-moderna*. O *enunciado fusional* – no livro, há variações terminológicas: *forma enunciativa fusional* (p.13), *forma fusional da enunciação* (p.19) e *enunciação fusional* (p.20), por exemplo – opera uma fusão, com o perdão da redundância, entre aquele que fala e aquele a quem se fala. As consequências disso são inúmeras. Vejamos um exemplo dado pela autora.

Em uma bula de remédio, é possível encontrar, além das informações técnicas, aquelas dirigidas ao paciente em que o *dito deixa de ser assumido pelo especialista farmacêutico* para se tornar um enunciado que é colocado a partir da posição do paciente. São enunciados como: *como devo utilizar este medicamento?* Ou ainda: *em que caso não devo utilizar este medicamento?* Eis um exemplo da *forma fusional* de enunciar, que opera uma mistura que permite suprimir a voz de autoridade do especialista.

Exemplos como esses são abundantes na obra de Amorim: *recicle minha embalagem* (escrito em uma embalagem de bolo); *eu me identifico* (escrito em um site de revista científica na *internet*). Quem pede para ser reciclado? A embalagem? Quem diz que se identifica? O usuário?

Há uma espécie de *infantilização do destinatário*. E o questionamento que se impõe é: *em que a enunciação fusional poderia ser mais compreensível que a enunciação ordinária?* Por que há uma tentativa de fazer com que o locutor ocupe, formalmente, lugares de fala tão bobos?

Um das conclusões de Amorim (p.29) é instigante: *esta fusão/confusão de lugares enunciativos produz uma supressão da distância/referência e da tensão entre quem fala e seu destinatário*. De certa forma, *o desaparecimento da assimetria* dos lugares enunciativos atende a *uma tática que busca diluir a voz de autoridade e de toda instância injuntiva*. Para a autora, essa forma de discurso instaura um outro modo de alteridade, que ela denomina de *metamorfose*: “o *Tu* se metamorfoseia em *Eu*, o *Ele* se metamorfoseia igualmente em *Eu*, pois a nova injunção enunciativa não admite mais que as primeiras pessoas” (p.35). Somente o que expusemos até aqui já seria o

suficiente para comprovar que estamos frente a um livro que inova. Mas o leitor encontrará mais.

A autora dispõe-se, ainda, a tocar no tema da linguagem vista pela sua relação com a memória e, por aí, com a cultura. Amorim, para tanto, formula um axioma (p.40): *a fala que torna inteligente é aquela que transmite a cultura.*

Sem dúvida, estamos, aqui, em um dos pontos altos da reflexão da autora. É a linguagem mesma que é colocada sob exame. Para ela, cada vez que falamos, “confirmamos e atualizamos o patrimônio comum que é a língua. Lugar do laço social, a língua apenas existe se ela é falada. Cada ato de fala a faz viver e, pelo mesmo gesto, faz viver uma humanidade comum” (p.41).

Mais uma vez, é necessário ir além do conteúdo: trata-se da *transmissão da língua propriamente dita*. É o *aparelho combinatório* que a constitui que está em questão, o que *permite em cada época criar novas palavras e eliminar outras*, o que “permite a cada esfera social de atividade renovar o estoque e as variações dos gêneros discursivos” (p.41). A *diversidade e a complexidade de uma língua* são enormes. É próprio de uma língua, simultaneamente, conservar-se e transformar-se. As formas da língua, assim como as da cultura em geral, que deixam de ser usadas caem no esquecimento. E o “emprego generalizado ou exclusivo de certas formas produz um empobrecimento das possibilidades do ‘aparelho linguístico’” (p.44). Ora, “se nossa língua se reduz à linguagem informal e familiar, [...], nós perdemos a possibilidade de habitar outros espaços simbólicos” (p.48).

Isso posto, a autora pode exteriorizar com maior propriedade seu raciocínio, neste momento; “[...] a fala que torna inteligente transmite, antes de qualquer coisa, a língua em todas as suas possibilidades e as relações de lugar que constituem as condições do diálogo” (p.53). A partir dessa discussão, o leitor é levado a se deparar com outra questão fundamental: a do objeto cultural entendido como um objeto falante. Inspirada na teoria de Mikhail Bakhtin, a autora considera que um objeto cultural – tomado como todo o objeto cuja função é a de remeter à própria cultura (p.55) –, sendo *construído como qualquer objeto*, é portador de uma memória coletiva. Ambos – objeto e memória – possuem uma dimensão discursiva que “completa a dimensão enunciativa”, tratada acima: o objeto cultural comporta uma abordagem polifônica pela qual ele é entendido como um *objeto falante*. Em outras palavras, sempre que um *objeto é*

colocado em posição de fazer falar a cultura que o torna possível, ele se transforma em um objeto cultural.

Na terceira e última parte de seu livro – *Une intelligence bête* –, Marília Amorim dedica-se, entre outras coisas, a analisar a televisão *em sua fala*. A pergunta da autora é: *como fala a televisão?* O leitor será, mais uma vez, agraciado com uma reflexão, no mínimo, original.

A autora inicia falando na relação entonação/sentido e propõe o termo *entonação falseada/deformada (intonation/fausée)* para aquela entonação idêntica e invariável utilizada pelos repórteres de televisão para falar qualquer conteúdo, independentemente de sua natureza. Para Amorim, “a entonação cessa de ser uma pista para a construção do sentido das informações transmitidas para se tornar o componente de um formato de emissão” (p.79). E acrescenta: “um formato que busca nos dizer ‘mesmo se eu acabei de informá-lo que uma catástrofe chegou, não se preocupe muito e, principalmente, ‘fique conosco’” (p.79). A essa discussão seguem três capítulos: *As duas inteligências (Les deux intelligences)*, *O sistema sem sujeito (Le système sans sujet)* e *Memória e educação (Mémoire et éducation)*. O leitor experimentará um misto de riso e indignação ao ler *Le système sans sujet*. A autora, em um texto leve, que vai do irônico ao sarcástico, discute a automatização dos serviços e, especialmente, a personagem denominada de *sistema*. Sim, aquele *sistema* dos bancos, das companhias telefônicas, das companhias áreas, etc. *Um sistema sem sujeito, que caminha sozinho, pela simples troca de informação.*

Como se pode notar, são muitos os objetos da reflexão de Marília Amorim em seu grande *Petit traité de la bêtise contemporaine*. Antes de finalizar, falemos um pouco sobre a visão teórica assumida pela autora. Além de Benveniste – cujo *aparelho formal da enunciação* é apresentado como um *modelo político* uma vez que *instaura um modo de relação de alteridade* que se encaixa no *ideal moderno de ligação social* –, o leitor encontrará no *Pequeno tratado* uma plêiade de linguistas, filósofos, antropólogos, cientistas sociais, psicanalistas, etc. Vemos referências a Levinas, Lyotard, Bakhtin, Freud, Lacan, Dufour, Martinet, Bourdieu, entre muitos outros. Tudo apresentado em linguagem simples, elegante e, o principal, garantindo a complexidade do que está sendo exposto.

Tudo no livro convoca a lê-lo: sua originalidade, sua linguagem, sua erudição despojada, sua elegância de raciocínio. O texto da contracapa bem que avisa: “o leitor se

encontra embarcado em uma aventura: ver o que ele não via, entender o que ele não entendia, compreender o que ele não compreendia”. Abra, leitor, o *Petit traité de la bêtise contemporaine* e veja por que faltam palavras para tudo aqui dizer.

Como se vê, o leitor encontrará mais.

Recebido em 06/03/2013

Aprovado em 21/10/2013